



# VI ENLIJE

Liberatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

## POESIA, LEITURA E LUDISMO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Maria Roselí da Silva de Farias

*Universidade Estadual da Paraíba- Campus VI*  
maroseli.silva@hotmail.com.br

Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)

*Universidade Estadual da Paraíba*  
marcelomedeiros\_silva@yahoo.com

**Resumo:** Este artigo integra um conjunto de atividades vinculadas ao subprojeto de Letras/Língua Portuguesa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Centro de Ciências Humanas e Exatas. Procuramos promover ações voltadas para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita dos alunos a partir de carências diagnosticadas nas instituições colaboradoras. Como na escola em que trabalhamos existiam, segundo a professora supervisora, alguns alunos que, apesar de estarem alfabetizados, ainda não eram letrados, optamos por dar um atendimento especial a esses alunos com vistas a melhorar o nível de letramento deles. Para tanto, desenvolvemos ações em torno da leitura de poesias voltadas ao público infantil. Com isso, pretendíamos também desenvolver o gosto pela leitura literária. No presente trabalho, deter-nos-emos em apresentar e refletir acerca de tais ações. Como aporte teórico para a intervenção bem como para as reflexões apresentada aqui, guiamo-nos pelas orientações propostas por Cosson (2006) e Gomes e Moraes (2013) a fim de pensarmos em práticas de leitura e de escrita que, sem deixarem o compromisso pelo saber, propiciem, sobretudo, sabor em aprender. Dentre os resultados que conseguimos alcançar por meio dessa experiência, está o fato de que ajudamos a ampliar as expectativas de leitura de alunos que, segundo a professora supervisora e eles mesmos, eram avessos a ler, além disso, ajudamos a desenvolver, um pouco, suas habilidades de escrita, o que possibilitou uma melhora no desenvolvimento das práticas letradas nas turmas em que atuamos.

**Palavras-Chave:** Poesia infantil, Ensino de Língua Materna, Atividades lúdicas, PIBID.

### Introdução

Este artigo é decorrente das nossas ações como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que foram realizadas ao longo do ano de 2015 em uma das escolas da rede pública de ensino do município paraibano de Monteiro. Nossas ações na escola estavam centradas, especialmente, no desenvolvimento das habilidades leitoras e escritoras dos alunos. Como na turma em que trabalhamos existiam, segundo a professora supervisora, alguns alunos que, apesar de estarem alfabetizados, ainda não eram letrados, optamos por dar um atendimento especial a esses alunos com vistas a melhorar o nível de

letramento deles. Para tanto, reunimo-nos, semanalmente,

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)



com tais alunos com o intuito de proporcionar-lhes situações de aprendizagem de leitura e de escrita a partir de atividades dinâmicas, interativas e, sobretudo, lúdicas. No presente trabalho, deter-nos-emos em relatar e refletir sobre as ações que desenvolvemos durante a intervenção que realizamos a partir da leitura e produção de poesias de expressão popular.

A escolha por essa forma de expressão poética deu-se em virtude das seguintes razões: primeiro, considerando-se que os alunos apresentavam baixos níveis de letramento, a poesia de expressão popular, dada a sua natureza lúdica, poderia contribuir, a nosso ver, para o desenvolvimento de práticas prazerosas de leitura e de escrita das quais os alunos poderiam se sentir motivados a participar. Segundo, como os alunos pertencem a um universo cultural marcado por expressões várias da cultura popular (cirandas, mazurcas, repentes, cantorias, cordel, bandas de pífano, forró pé-de-serra), a inserção, nas aulas de Língua Portuguesa, de quadrinhas, trava-línguas, adivinhas, cantigas de roda e parlendas poderia levar esses alunos a apreciar as produções culturais de expressão popular, bem como a valorizar as formas “poéticas” de nossa tradição oral, visto que, no ambiente escolar, existe uma maior valorização de gêneros pertencentes ao domínio da escrita em detrimento dos gêneros ligados ao domínio da oralidade. Decorrente disso, uma terceira razão é o fato de que defendemos uma maior presença de textos de natureza oral em sala de aula, pois, como sabemos, toda prática oral antecede a escrita. Por fim, acreditamos que, diante de tais textos, os alunos irão sentir-se à vontade ao desenvolverem práticas sociais de letramento que dialogam com o vasto acervo de textos da tradição oral herdados de nossos antepassados, com os quais eles têm maior familiaridade em virtude de razões sociais, culturais, geográficas e históricas.

Aliada à leitura das poesias de expressão popular, a fim de alargar o horizonte dos alunos, desenvolvemos também a leitura de um conjunto de poemas voltados ao público infantil dos autores Manoel Bandeira e Sérgio Capparelli. Embora seguissem uma linha erudita, os poemas lidos em sala de aula continham traços das poesias de tradição popular. A nosso ver, esse diálogo entre o popular e o erudito contribui de forma significativa para o acionamento do conhecimento prévio dos alunos, uma vez que os leva a relacionarem os poemas lidos às poesias de tradição oral, lidas e/ou ouvidas em momentos anteriores.

Acreditamos que o contato com tais textos nas aulas de língua materna poderá despertar o interesse dos alunos para as formas de manifestação do poético no nosso cotidiano, bem como despertar a criatividade de tais alunos. No desenvolvimento de nossas atividades ao longo de nossas intervenções como bolsistas do PIBID, procuramos valorizar a

criatividade dos alunos, uma vez que os colocamos diante



de propostas de leitura e de escrita que, sem deixarem de ser alegres, divertidas, foram, sobretudo, desafiadoras. Com o presente trabalho, ensejamos contribuir para a ressignificação das práticas de leitura e de escrita no ambiente escolar de forma que as atividades voltadas para o desenvolvimento de tais habilidades por parte dos alunos sejam realizadas de forma aprazível.

## Metodologia

Considerando que a sala de aula pode se tornar um espaço propício para a valorização das formas “poéticas” de nossa tradição oral, realizamos, como dito acima, um trabalho criativo e lúdico com a poesia de expressão popular. O nosso propósito, aqui, não é expor, simplesmente, as nossas ações na escola e os resultados alcançados, mas apresentar uma ação metodológica que poderá contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de alunos com baixos índices de letramento.

Dessa forma, iniciamos o primeiro momento com a seguinte pergunta: Vocês gostam de poesia? Com ela, ensejamos sondar os gostos dos alunos com relação à leitura de poesia, para em seguida, convidá-los a participarem de um momento lúdico, em que propiciamos, a partir de várias atividades de motivação, a ativação de seus conhecimentos prévios ao lembrarem das poesias de tradição oral que se fizeram presentes em suas brincadeiras durante a infância. Para tanto, confeccionamos e levamos à sala de aula jogos criados a partir de poesias das mais variadas formas de expressão, como quadrinhas, trava-línguas, adivinhas, cantigas de roda e parlendas.

Assim sendo, iniciamos convidando os alunos a participarem do jogo *dominó poético*, a partir do qual objetivamos trazer para as aulas de língua materna um rol de atividades de cunho lúdico de forma que os alunos pudessem participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Assim como o jogo tradicional, este continha várias peças que deviam ser distribuídas entre os jogadores para que pudessem montar o dominó. Entretanto, diferentemente do tradicional, o jogo só acabava quando todos os jogadores lançassem todas as suas peças. O *dominó poético* funcionou da seguinte forma: sentados em círculo, cada jogador recebeu a mesma quantidade de peças, as quais continham versos isolados de parlendas. Em seguida, informamos que aquele que estivesse com o primeiro verso de uma

das parlendas deveria colocá-lo no centro da mesa. Depois, os demais alunos, um por um, deviam encaixar os demais

versos nos lugares corretos até que o texto estivesse devidamente completo.

Em seguida, convidamos os alunos para um desafio a partir da leitura oral de trava-línguas. Para tanto, levamos à sala de aula um conjunto de trava-línguas previamente selecionados e entregamos a cada aluno um texto diferente. Após a entrega dos textos, dissemos aos alunos que eles teriam um tempo para lerem os trava-línguas silenciosamente até que finalmente pudessem lê-los oralmente. O vencedor do desafio foi o aluno que conseguiu ler o texto de modo rápido pronunciando as palavras corretamente.

A terceira atividade lúdica realizada foi o jogo da *força poética*, que funcionou da seguinte forma: entregamos a cada aluno um papel, no qual constava uma adivinha. Depois, cada aluno devia ler oralmente a adivinha que lhe foi entregue e apresentar a resposta. Quando o aluno não conseguia responder ou apresentava a resposta errada, colocávamos no quadro a quantidade de traços que correspondiam ao número de letras referente à resposta. Cada aluno devia dizer uma letra até que alguém finalmente descobrisse a resposta.

No segundo encontro, iniciamos o *quebra-cabeça poético*. Tal jogo foi pensado a partir dos moldes dos quebra-cabeças tradicionais, nos quais os jogadores devem utilizar peças isoladas, encaixando-as umas às outras para que ao final o quebra-cabeça esteja devidamente completo. Essa atividade teve como propósito dinamizar as aulas de língua portuguesa como forma de fazer com que os alunos ativassem seus conhecimentos prévios, ao lembrarem das cantigas de roda presentes em suas brincadeiras durante a infância. Esta atividade seguiu os passos subsequentes: primeiramente, dividimos a turma em duplas e entregamos a cada uma delas uma sacola, na qual constavam cinco cantigas de roda. No entanto, havia apenas versos isolados, os quais os alunos deviam juntar para montar as cantigas. Por fim, a dupla que conseguiu montar o quebra-cabeça em menor tempo venceria o jogo. Quando todas as duplas conseguiram montar o quebra-cabeça, deixamos os alunos livres para cantarem as canções.

No encontro seguinte, realizamos a quinta atividade lúdica, a qual foi denominada de *baralho poético*. Desenvolvido a partir de um conjunto de quadrinhas, tal jogo tinha como objetivos aprimorar a competência da leitura, desenvolver a concentração e a observação dos alunos. O procedimento dessa atividade de motivação ocorreu do seguinte modo: inicialmente, entregamos a cada aluno quatro cartas. Em cada uma delas, constavam apenas versos isolados. Após entregarmos as cartas aos alunos, fizemos um sorteio a fim de que o participante sorteado iniciasse a brincadeira, o qual devia retirar do centro da mesa uma carta

que lhe interessasse, mas nesse momento devia eliminar outra que estava em sua posse. Esse procedimento foi



seguido por todos os participantes até que cada um deles conseguisse recolher todos os versos que completavam a quadrinha que desejavam concluir.

Ao final desse momento de motivação inicial, pedimos aos alunos que pesquisassem os textos “poéticos” de nossa tradição oral que as pessoas de sua família ou amigos conheciam para apresentá-los no encontro seguinte. No segundo momento, houve a socialização de todas as poesias de tradição oral que os alunos pesquisaram. Prosseguimos, então, realizando a leitura de três livros, os quais apresentam um conjunto de poesias de tradição oral. O primeiro livro lido foi *Língua de sobra e outras brincadeiras poéticas*, de Leo Cunha, em seguida *Trava-língua/ Quebra-queixo/ rema-rema/ Remelexo*, de Almir Correia, e, por fim, *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu*, de Lenice Gomes. A leitura de tais livros foi realizada através de cópias, as quais ficaram no centro da mesa à disposição dos alunos. Com isso, proporcionamos aos alunos um momento lúdico, em que puderam brincar com o jogo sonoro e gestual das poesias e, sobretudo, jogar com a imaginação. A cada leitura, fazíamos com que percebessem também a intertextualidade presente em tais textos, levando-os a relacionarem as poesias a textos escutados e lidos em experiências anteriores.

No quarto momento, realizamos a dinâmica *Desafio irresistível*, na qual lançamos aos alunos uma proposta, em que cada um deles devia desafiar um colega a ler um trava-língua, escolhido pelo desafiador. Para tanto, levamos à sala de aula um conjunto de trava-línguas previamente selecionados. Entretanto, acrescentamos que o professor também poderá solicitar antecipadamente que os próprios alunos pesquisem os trava-línguas, caso assim, prefira. Deixamos os textos no centro da mesa a fim de que os alunos escolhessem aquele de sua preferência para em seguida lançarem os desafios. Por fim, sondamos os alunos sobre qual deles realizou a melhor leitura, ou seja, aquele que leu de modo rápido pronunciando as palavras corretamente. Feito isto, presentamos o aluno vencedor com um brinde. Durante essa dinâmica, fizemos com que os alunos se divertissem com os sons emitidos ao realizar a leitura dos trava-línguas em voz alta. Além disso, também puderam se divertir ao observarem se os desafiados conseguiram ler o texto corretamente.

No quinto momento, realizamos uma atividade lúdica com a intenção de motivar os alunos antes de lançarmos a proposta de produção de uma adivinha. Para tanto, confeccionamos uma palavra cruzada, na qual se encontrava centralizada a expressão: *Quero ver quem adivinha*. Nos demais espaços, constavam apenas quadrinhos em branco, os quais foram preenchidos à medida que a brincadeira prosseguia. Tal jogo ocorreu do seguinte

modo: inicialmente os alunos foram convidados a retirar de



dentro de uma sacola as perguntas, ou seja, as adivinhas que deviam responder. Em seguida, leram tais perguntas oralmente para, então, apresentar a resposta. Quando a resposta não estava correta, os demais alunos ficavam livres para ajudar o colega. Caso a resposta estivesse correta, o aluno procurava as letras que correspondiam à palavra e que estavam dentro de uma cesta. Entretanto, cada adivinha estava acompanhada de um número. Desse modo, a resposta devia ser escrita nos quadrinhos correspondentes ao referido número.

No sexto momento, convidamos os alunos para produzirem uma adivinha. Após, cumprirem com o que lhes foi pedido, lemos e discutimos cada texto produzido e, nos casos em que foi necessário, procedemos à reescrita dos textos. Quando a segunda versão ficou pronta, os alunos transcreveram-na num papel cartão, utilizando lápis e canetas de cores diversas. Por fim, houve a apresentação de todas as adivinhas produzidas.

No momento seguinte, realizamos a leitura de um conjunto de poemas de Sérgio Capparelli levando os alunos a relacionarem os textos a poesias de expressão popular escutadas e/ou lidas em experiências anteriores. Os poemas lidos durante esse encontro foram os seguintes: *Estação café*, *Crocodilo*, *A traça poliglota*, *Entro ou não entro*, *Ecologia*, *O cobrador*, *Bia e pio*, *Pintando o sete e o Tamanho do A*. Durante esse momento, entregamos aos alunos a cópia dos poemas e em seguida iniciamos a leitura em voz alta, entretanto algumas palavras estavam incompletas, ou seja, os espaços de algumas sílabas estavam em branco. Isto foi feito com o intuito de levarmos os alunos a treinarem o processo de escrita de algumas sílabas, pois percebemos durante a produção das adivinhas que a maioria deles apresentava bastante dificuldade ao escreverem palavras que são compostas por sílabas complexas.

No oitavo momento, apresentamos aos alunos alguns trava-línguas em áudio. Ao final os desafiamos a repetir oralmente os textos escutados. Essa atividade foi realizada com o intuito de motivá-los antes de lançarmos a proposta de produção de um trava-língua. Entretanto, não foi possível realizar essa produção, bem como as ações seguintes em virtude do fim do ano letivo. Desse modo, as atividades que passaremos a descrever, em seguida, foram apenas planejadas, ou seja, não chegaram a ser executadas.

De acordo com o nosso planejamento, no nono momento, os alunos seriam convidados a produzirem um trava-língua. Quando a primeira versão ficasse pronta, realizaríamos a leitura e discussão de todos os textos produzidos. Em seguida, faríamos uma reescrita coletiva. Para tanto, transcreveríamos, no quadro, os textos produzidos para que os demais alunos pudessem contribuir na reescrita dos textos dos

colegas. Reescrita feita, os alunos deveriam transcrevê-las num papel cartão.

No último momento, faríamos a leitura de um conjunto de poemas de Manoel Bandeira, a fim de que os alunos percebessem que autores eruditos também bebem da fonte da poesia popular. Para tanto, realizaríamos a leitura dos poemas *Evocação do Recife*, *Rondó do Capitão*, *Berimbau*, *Trem de Ferro*, *Boca de Forno*, *Seu rei mandou dizer*, levando-os a relacionar tais textos às poesias de tradição oral lidas e/ou escutadas por eles. Neste momento, os alunos também ficariam livres para discutirem acerca dos textos lidos ou recitá-los novamente.

### **Resultados e Discussão**

O trabalho em sala de aula, descrito acima, evidenciou-nos a importância da ressignificação de determinadas práticas pedagógicas que pouco têm contribuído para a formação dos alunos da educação básica. Dito de outra forma, se pretendemos dotá-los de competências para o manejo da leitura e da escrita como ferramentas imprescindíveis à vida em sociedades letradas como a nossa, devemos oferecer-lhes uma educação que contribua de forma concreta e significativa para o desenvolvimento das práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, conforme as situações de comunicação em que esses alunos vierem a se inserir. Como dissemos na introdução, os alunos que participaram dessas ações pedagógicas ainda não dominavam práticas letradas. Por isso, a fim de contribuir para aumentar o nível de letramento deles, é que centramos nossa atenção na poesia de tradição oral para cujo estudo trouxemos também poemas destinados ao público infantil.

Além disso, como eram alunos que estavam situados à margem na sala de aula, devido às dificuldades em atender aos protocolos escolares, acreditamos que a utilização de recursos lúdicos poderia envolvê-los de forma ativa, uma vez que, “ao recorrer ao uso de jogos, o professor [...] permite aos alunos participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem, assimilando experiências e informações” (HAYDT, 2006, p. 175). Desse modo, intuíamos que, se algo precisava ser feito para modificar a realidade daqueles alunos em sala de aula, o caminho que deveríamos seguir era o da ludicidade. Portanto, considerando que a sala de aula pode se tornar um espaço propício à prática de atividades que se afigurem prazerosas para os alunos e por meio das quais pode haver o amálgama entre saber e sabor, realizamos um trabalho que visou, a partir da leitura de poesias de expressão popular, estimular a criatividade e trazer a ludicidade para a sala de aula.



Deste modo, investimos, durante nossas ações em sala de aula, em um conjunto de atividades lúdicas criadas com o intuito de estimular os alunos à leitura do texto literário. O empenho demonstrado por eles durante a execução de tais atividades nos levou a defender uma maior presença de recursos lúdicos que incentivem a leitura literária, portanto cabe ao professor usar sua criatividade para preparar atividades de motivação que se adéquem aos seus objetivos pedagógicos e ao tempo que lhe é disponibilizado. Além disso, é importante frisarmos que o espaço utilizado para a execução dos recursos lúdicos não é um tempo perdido, pelo contrário é bastante significativo, uma vez que auxilia de modo prazeroso a construção do conhecimento dos alunos.

Por outro lado, quando pensamos na familiaridade com a linguagem dos alunos e na ludicidade de que se reveste o texto “poético” de expressão popular, acreditamos que o professor deve investir nesse acervo de textos em sala de aula, pois ele possibilita, de forma lúdica, o desenvolvimento da leitura e da escrita. Deste modo, “fica evidente, portanto, que parlendas, quadrinhas e cantigas podem ter um papel importante no processo de alfabetização e nas práticas de letramento, não só pela sua familiaridade com o discurso da criança, mas também por favorecerem, de modo lúdico, a conquista de linguagem.” (GOMES; MORAES, 2013, p. 57). Desse modo, acreditamos que essa familiaridade pode contribuir para uma maior aproximação entre o texto “poético” de natureza oral e os alunos, pois, apesar de não dominarem as práticas letradas, dispõem de uma maior intimidade com a cultura oral.

Por isso, é necessário contemplarmos momentos que viabilizem a interação entre o conhecimento dos alunos e os saberes escolares, pois, agindo assim, proporcionaremos ocasiões que favorecerão a troca de experiências entre a herança cultural e os elementos trazidos pelos alunos através de seu convívio comunitário e familiar: “desse modo, as práticas sociais de letramento vinculadas à tradição oral contribuirão sobremaneira para a ampliação de códigos e universos linguísticos do aluno” (GOMES, MORAES, 2013, p. 18). Acreditamos que a familiaridade entre o texto “poético” de expressão popular e os alunos foi o motivo que gerou tanto empenho durante a realização das atividades que lhes foram propostas. Por isso, defendemos uma maior presença da cultura oral em sala de aula:

Ficar alheio à tradição oral e a seus usos sociais e educacionais é, sem dúvida, ignorar sua dimensão metafórica e lúdica, o valor de sua linguagem e os ensinamentos que guarda, permite, provoca. É preciso abrir-se para esse universo sugestivo no qual tudo pode causar encantamento, mistério e estranheza, atentando para a importância do papel dos gêneros da tradição oral [...] no processo de alfabetização e nas práticas de letramento, pois para além de possibilitarem que se leve em consideração o referencial trazido pela criança por meio das canções, quadrinhas, adivinhas [...], permitem que





se promova um necessário e prazeroso passeio pelo universo infantil dando vez e voz à criança para que ela se constitua sujeito protagonista no processo de alfabetização e nas práticas de letramento na sala de aula. (GOMES; MORAES, 2013, p. 107).

Além de levar os textos de tradição oral para a sala de aula, é preciso também ampliar os horizontes de leitura dos alunos. Pensando nisso, é que levamos algumas obras literárias com o intuito de fazer com que os alunos conhecessem novos textos, mas, sobretudo, levá-los a relacionarem os poemas lidos às poesias de tradição oral que fazem parte do referencial trazido por eles.



Figura 1: Leitura dos livros *Língua de sobra e outras brincadeiras poéticas* de Leo Cunha, *Trava-língua/ Quebra-queixo/ rema-rema/ Remelexo* de Almir Correia e *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu* de Lenice Gomes

Durante os momentos de leitura, percebemos que o referencial trazido pelos alunos era bem extenso, pois a maioria conhecia os textos. Além disso, percebemos que a leitura dos textos os motivou, pois interagiram muito e conseguiram perceber alguns aspectos, como, por exemplo, a intertextualidade presente nos textos. Por outro lado, é preciso que aos alunos seja facultado também o direito de falar não só sobre a semelhança entre os textos, mas também por que gostou ou não do que leu, que partes chamaram a atenção deles. Por isso, não só entregamos os textos para que lessem silenciosamente, como também pedimos a eles que em voz alta lessem os textos de que mais gostaram.

Passado esse momento de leitura, era preciso também fazer com que os alunos se apropriassem das marcas estético-formais dos gêneros lidos e produzissem seus próprios textos. Foi então que solicitamos a produção de uma adivinha. Entretanto, a maioria dos alunos se mostrou indiferente a tal atividade. Durante esse processo, percebemos também que alguns alunos estão acostumados com uma prática de escrita em que precisam apenas copiar algo, sem que lhes seja necessário lançar um olhar crítico, e/ou criativo, diante do texto que estão escrevendo. Em outras palavras, não compreendem a

escrita como um processo de construção de sentidos, pois alguns queriam apenas copiar adivinhas já existentes. Diante disso, deparamo-nos com o seguinte questionamento: as atividades de caráter lúdico também podem motivá-los para o processo de escrita? Como afirmamos ao longo deste trabalho, é necessário planejarmos atividades lúdicas que possam motivar os alunos para todas as etapas de qualquer intervenção pedagógica, pois, como orienta Cosson (2006), a realização de atividades prévias de motivação pode despertar a atenção dos alunos para o que vai ser realizado posteriormente, visto que a motivação possibilita que os conteúdos sejam introduzidos de maneira prazerosa e interativa em sala de aula. Pensando em como motivá-los é que, antes de continuarmos tal produção, confeccionamos e levamos à sala de aula uma palavra-cruzada.



Figura 2: Alunos participando da dinâmica "quero ver quem adivinha"

A aplicação dessa atividade foi satisfatória, pois todos os alunos demonstraram grande interesse em participar dela. Além disso, conseguimos atingir o nosso objetivo motivando-os a continuar com o processo de produção das adivinhas, o que, após essa atividade motivacional, foi realizado com grande entusiasmo pelos nossos alunos. Enfim, houve boas produções durante essa atividade. Duas delas são as que apresentamos abaixo:



Figura 3: Adivinhas produzidas pelos alunos



**VI ENLIJE**

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

Acreditamos que essa atividade foi uma forma alegre e divertida de produzir um texto escrito, especialmente de brincar com as palavras, uma vez que essa prática possibilitou aos alunos se valerem da sua criatividade para dar forma ao texto. Através dessa produção, também chamamos a atenção deles para a importância do processo de reescrita, alegando que um texto não é um produto acabado, ou seja, por melhor que esteja, sempre é possível modificá-lo, e que reescrever é uma das várias facetas do ato de escrever.

Por fim, dentre os resultados que conseguimos alcançar por meio da experiência descrita no presente trabalho, está o fato de que ressignificamos a prática de leitura e de escrita fugindo de metodologias mecânicas que não consideram a criatividade, a imaginação e a expressão das emoções dos alunos. Outro aspecto que devemos apontar aqui foi a importância que passamos a dar à elaboração de nosso próprio material pedagógico, visto que, no lugar de atividades prontas para só as executarmos, precisamos criar materiais para um público específico: alunos da rede pública de ensino básico que apresentavam baixos níveis de letramento escolar e que, por isso, corriam o risco de evadirem-se da escola por não atenderem às expectativas da instituição escolar. Isso nos deu uma autonomia na preparação das aulas e nos mostrou que a elaboração de seu próprio material didático deve ser prática efetiva entre os profissionais da educação.

## **Conclusões**

Acreditamos que a formação de leitores depende de uma gama de fatores que, dado o pouco espaço de que dispomos aqui, nos furtamos de comentar. Em virtude disso, precisamos incentivar a prática de leitura desde as séries iniciais, estimulando a criança desde cedo para o prazer que a leitura nos proporciona. Pensando nisso, é que desenvolvemos algumas ações pedagógicas a partir da leitura de poesias de expressão popular em uma turma de alunos que ainda não dominavam as práticas letradas que são esperadas deles no ambiente escolar. Dentre os resultados que conseguimos alcançar por meio dessa experiência, está o fato de que ajudamos a ampliar as expectativas de leitura de alunos que, segundo a professora supervisora e eles mesmos, eram avessos a ler. Além disso, ajudamos a desenvolver, um pouco, suas habilidades de escrita, o que possibilitou uma melhora no desenvolvimento das práticas letradas nas turmas em que atuamos. E, o mais importante, mostramos que é possível englobar saber e sabor nas atividades realizadas em sala de aula.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)

Durante nossas ações, percebemos que, da experiência vivenciada no trabalho em fazer com que os alunos apreciassem as várias formas de expressão do poético, inclusive aquelas advindas da expressão popular, foi a aproximação entre escola pública e universidade o que proporcionou uma melhoria na instituição de educação básica onde atuamos, inclusive nas ações pedagógicas da professora-supervisora, mas, sobretudo, propiciou a aprendizagem de saberes muito significativos para nós, professores em formação inicial. Por fim, reafirmamos que a nossa atuação no PIBID tem contribuído de forma significativa para nossa formação docente, uma vez que tem nos propiciado o contato com a realidade em que, futuramente, iremos atuar, levando-nos a refletir acerca das práticas de ensino desenvolvidas na educação básica, e nos desafiando a promover situações que possam contribuir para a melhoria do ensino, uma vez que somos impelidos a planejar e executar práticas metodológicas que contribuam para o processo de aprendizagem dos alunos da rede pública de ensino básico. Em outras palavras, o PIBID tem colaborado para a formação de um profissional capaz de avaliar o que realmente é relevante para a sua futura atuação docente, de sugerir e de criar alternativas para lidar com as dificuldades encontradas no ambiente escolar e, por fim, mas não menos importante, de unir teoria e prática, ao refletir acerca da realidade vivenciada a partir das intervenções em sala de aula.

### **Referências Bibliográficas**

- CAPPARELLI, Sérgio. *111 poemas para crianças*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- CORREIA, Almir. *Trava-língua quebra-queixo rema-rema remelexo*. São Paulo: Cortez, 2010.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CUNHA, Leo. *Língua de sobra e outras brincadeiras poéticas*. São Paulo: Cortez, 2014.
- GOMES, Lenice. *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu*. São Paulo: Cortez, 2009.
- GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. *Alfabetizar letrando com a tradição oral*. São Paulo: Cortez Editora, 2013.
- HAYDT, Regina Célia Cazaux. Procedimentos de ensino-aprendizagem socializantes. In: *Curso de didática geral*. São Paulo: Ática, 2006.